

APRESENTAÇÃO

A obra de Mattoso Câmara Jr. não pode ser avaliada exclusivamente com base nos estudos que publicou sobre a língua portuguesa e sobre as línguas indígenas, mas, como toda obra de cientistas que viveram e trabalharam fora dos grandes e dos médios centros científicos, tem de ser considerada em função das condições oferecidas pelo meio em que viveu e trabalhou, em relação a sua interação com esse meio e ao progresso do conhecimento que aí tenha contribuído para operar, assim como por referência à alteração que haja causado no próprio meio, especialmente através do desenvolvimento institucional na sua área de competência e atuação. Mattoso foi, sem dúvida, um pioneiro e, como tal, esteve praticamente isolado em grande parte de seu trabalho, experimentou a incompreensão e a hostilidade de seus colegas de formação tradicional e espírito conservador, e viu-se tolhido no seu justo anseio de maior participação na vida universitária.

(Aryon Dall'Igna Rodrigues. **A obra científica de Mattoso Câmara Jr.**)

Com o propósito de continuar contribuindo com o debate entre os pesquisadores das áreas da Lingüística e fronteiras, veiculando textos que reflitam sobre o conhecimento e a constituição não linear e descontínua dos saberes dos estudos da língua(gem) na história, trazemos ao público o segundo número do periódico **Estudos da Língua(gem)**, número temático “**Mattoso Câmara e os Estudos Lingüísticos no Brasil**”.

Este número reúne nove artigos de pesquisadores brasileiros que celebram a vida e a obra do pioneiro da ciência lingüística e do estruturalismo no Brasil.

Aryon Dall’Igna Rodrigues presta sua homenagem com um artigo especial. Intitulado ***A Obra Científica de Mattoso Câmara Jr.*** e elaborado em homenagem a Mattoso Câmara no décimo ano de sua morte, o artigo foi publicado, originalmente, na revista *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 6, em 1984. Pela importância e atualidade, escolhemos esse escrito para abrir este número temático. Nele, o leitor encontrará informações precisas que contribuem para uma avaliação tanto da vida acadêmica quanto da obra científica de Mattoso Câmara e do que representou e representa esse linguísta na história da Linguística no Brasil. O autor finaliza o texto salientando que a obra de Mattoso *“não pode ser avaliada exclusivamente com base nos estudos que publicou sobre a língua portuguesa e sobre as línguas indígenas, mas, como toda obra de cientistas que viveram e trabalharam fora dos grandes e dos médios centros científicos, tem de ser considerada em função das condições oferecidas pelo meio em que viveu e trabalhou, em relação a sua interação com esse meio e ao progresso do conhecimento que aí tenha contribuído para operar, assim como por referência à alteração que haja causado no próprio meio, especialmente através do desenvolvimento institucional na sua área de competência e atuação”* (grifo nosso).

Yonne Leite, em sua homenagem, avalia, no artigo ***O Pensamento Fonológico de J. Mattoso Câmara Jr.***, a parte da obra de Mattoso Câmara que, segundo suas palavras, lhe “é mais conhecida – a fonologia – para aquilatar melhor seu papel de semeador de idéias e seu papel pioneiro e inovador”. Para tanto, faz uma discussão de **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa**, primeiro estudo fonológico publicado em língua portuguesa (apresentado, por Mattoso Câmara, como tese de doutoramento, em 1949, e publicado, em livro, em 1953). A autora focaliza o estatuto não fonêmico das vogais nasais, a formação do plural dos nomes terminados em *ão* e a representação fonológica dos róticos para mostrar o caráter inovador do pensamento fonológico de Mattoso tanto no que se refere ao tipo de argumentação quanto no tocante à proposta de análise, que, segundo ela, teria guarida certa no paradigma gerativista. Yonne Leite destaca que ora criticada, ora adotada ou reabilitada, ora servindo de inspiração, a obra de Mattoso mantém vivo o autor.

Eleonora C. Albano presta sua homenagem destacando que a abertura do legado conceitual de Mattoso Câmara foi “capaz de inspirar leituras das mais próximas às mais distantes do estruturalismo”. A autora

mostra, no artigo ***Sobre o Abrimento 3 de Mattoso Câmara: Pistas Fonotáticas para a Classe das Líquidas***, que Mattoso “não hesitou em recorrer a uma escala de abrimento para definir a classe fonética mais variável do português brasileiro, ou seja, a das líquidas”. Indagando sobre o que ligaria as laterais aos róticos, apesar da sua extensa variação superficial, apresenta, entre outros, o argumento de que um dos elos reside nos vieses fonotáticos das posições em torno da vogal tônica, já que “*as líquidas preferem seguir vogais tônicas médias abertas e preceder vogais tônicas anteriores fechadas*” (grifo nosso).

Carlos Eduardo Falcão Uchôa discute a obra de Mattoso, das décadas de 40, 50 e 60, mostrando, no artigo ***Mattoso Câmara e a Língua Oral***, que “o lingüista brasileiro inaugura novos rumos em relação à investigação lingüística sem romper com as principais linhas de pesquisa da tradição filológica”. Destaca o interesse de Mattoso pela língua oral em oposição ao dos estudos filológicos, predominantemente identificados com a língua literária; a sua posição crítica sobre as relações entre língua falada e língua escrita no ensino do Português; e o papel de Mattoso como consolidador da importância que as pesquisas sobre a língua oral apresentam para o conhecimento mais abrangente da língua.

Sírio Possenti, em ***Notas sobre a Estilística de Mattoso Câmara***, apresenta as principais teses de Mattoso Câmara sobre a estilística e algumas análises de textos ou de aspectos de textos literários. O autor mostra que “as teorias de estilo consideradas psicologizantes privilegiaram a análise dos textos e deixam, em aberto, um conjunto de problemas que merecem ser melhor analisados”. Defende que, apesar de ter como ponto de partida a tripartição das funções da linguagem proposta por Bühler, Mattoso, em relação à estilística, é um seguidor de Bally, “segundo o qual há uma espécie de gramática do estilo, ou seja, de que o estilo pertence ao espaço da *langue*, e não ao da *parole*”.

Eduardo Guimarães discute, no artigo ***A Noção de Empréstimo em Mattoso Câmara***, a posição de Mattoso quanto à concepção de língua como elemento da cultura e à concepção de empréstimo, na história do pensamento brasileiro. O autor defende que a posição desse lingüista “desarma a posição civilizatória em torno das línguas e formula uma posição de igualdade entre línguas numa atitude basicamente descritiva, como é

próprio de seu estruturalismo”. Argumenta que, dessa perspectiva, Mattoso “evita o purismo, o normativo, a divisão entre civilizado e primitivo, mas, em contrapartida, não pensa o aspecto político das relações das línguas”.

Tania Alkmim defende, em *A “Hipótese Crioulista” de Mattoso para o Português do Brasil*, que a hipótese crioulista apresentada em *Línguas Européias de Ultramar: o Português do Brasil* representa uma contribuição inovadora para o debate da questão do português brasileiro e que, mesmo tendo permanecido à margem, tem seu valor inegável.

Lauro Baldini, no artigo *Considerações Sobre a Vida e a Obra de Mattoso Câmara Jr.*, tenta responder algumas questões que dizem respeito à construção da escrita da Lingüística no Brasil. Ao focalizar o movimento da passagem de uma escrita que se modifica a tal ponto de ser reclassificada, de ser redefinida e de se tornar uma escrita outra, mostra Mattoso Câmara como “um filólogo-lingüista-professor-pioneiro-gramático na *terra da gramática* que, em sua construção enquanto autor passa a ser simplesmente *um lingüista na terra da gramática*”; e “como um corpo que sofre e sente o destino de (trans)portar um discurso e fazê-lo ter sentido numa história que, ao mesmo tempo em que lhe prevê o lugar, resiste à sua aparição”.

Joselice Macedo de Barreiro, no artigo *Mattoso Câmara, um Intelectual da Contemporaneidade*, mobiliza o ponto de vista de Gramsci que propõe dois tipos de intelectuais: o “tradicional” e o “orgânico”; e o de Benda, para quem o “verdadeiro intelectual” age segundo princípios universais. A autora defende que a análise do acervo de livros e artigos publicados por Mattoso, bem como a análise de suas diferentes atividades, faz com que ele se subjetive como representante do intelectual contemporâneo tradicional e universal.

Ressaltamos, enfim, que as discussões apresentadas no conjunto de artigos que compõem este número temático contribuem para a compreensão da escrita e da institucionalização da Lingüística e dos estudos lingüísticos no Brasil.

Depois da leitura desses artigos, inspiramo-nos em Benveniste para afirmar que, assim como Saussure pertence para sempre à história do pensamento europeu, Mattoso Câmara pertence para sempre ao pensamento brasileiro, à história da Lingüística brasileira. E, como Saussure, cumpriu

bem o seu destino de tal forma que seu destino póstumo se tornou segunda vida presente nas nossas – ainda que na ausência, na falta e na falha.

Aos ilustres colegas que contribuíram com seus artigos para que este número temático se efetivasse, nossos agradecimentos.

Dezembro/verão de 2005

Maria da Conceição Fonseca-Silva

Sírio Possenti